

Cresce procura por ações de apoio a refugiados

Organizações que oferecem oportunidades de voluntariado afirmam que crises internacionais como na Síria, Afeganistão e Ucrânia levaram a maior interesse, mas especialista aponta para casos de 'empatia seletiva'

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Nesta esteira das recentes crises humanitárias globais, como a derivada da guerra na Ucrânia, veio um rastro de destruição, mas também de solidariedade. E as atenções para o drama dos refugiados, pessoas forçadas a deixar suas casas em virtude de perseguições, conflitos armados ou violações de direitos humanos, se intensificaram no mundo — inclusive no Brasil. Organizações que trabalham com o tema no país relatam aumento no interesse dos brasileiros pela causa. A procura por voluntariado nessa área e a demanda de empresas pela contratação de refugiados têm crescido nos últimos meses.

Segundo a plataforma Atados, referência para busca de voluntariado, a pesquisa por apoio a refugiados estava em 18º lugar em janeiro. Passou para 15º em fevereiro, quando começou a invasão russa à Ucrânia, e para 12º no mês passado. A evidência da tragédia com os refugiados ucranianos aproximou as pessoas da questão social. E a causa do refúgio, que normalmente ficava bem atrás na procura dos brasileiros em relação às mais tradicionais, como fome, crianças, mulheres, entre outras, ganhou algumas posições por conta do noticiário recente.

— O interesse cresceu junto com o agravamento de um problema que é global. Tivemos a guerra na Síria, a crise na Venezuela, os conflitos no Afeganistão e agora a Ucrânia — explica Daniel Moraes, fundador da Atados.

Quando se deparam com eventos como esses, afirma ele, as pessoas percebem que podem ter ação social. Por aqui, episódios como o do congolês Moise Kabagambe, morto em janeiro no Rio, aumentaram o foco sobre a população de refugiados e migrantes.

Depois desse caso, cresceu a procura por voluntariado na Missão Paz, em São Paulo, diz seu coordenador, padre Paolo Parise. E a própria agência da ONU para os Refugiados (Acnur) relata aumento da demanda de cobertura sobre o tema no Brasil, com mais entrevistas em relação há três meses, maior procura de empresas para contratação de refugiados e engajamento nas redes sociais.

TRABALHO 'DE FORMIGUINHA'

A Estou Refugiado, em São Paulo, também registra alta de interessados. Uma delas é a advogada Mariana Balazs Zai-



'Trabalho de formiguinha'. Gustavo Rodrigues, coordenador de pesquisas e voluntário, e Mariana Balazs Zaiantchik, voluntária: 'quanto mais houver atenção a essa causa, mais fácil será combater o preconceito', diz ele



Nova realidade. Mahboba Komail, refugiada afegã e fotógrafa em São Paulo

antchick, de 28 anos, que começou o voluntariado no escritório da ONG há um mês.

— É uma causa que permite trabalhar com uma abrangência de temas. Envolve pessoas que passam por situações de violência, de fome, de violência doméstica — diz ela, que planeja fazer carreira na área humanitária.

Ao lado de Gustavo Henrique de Assis Rodrigues, de 36 anos, também voluntário, ela ajuda na área de documentação e pesquisa e na relação com estudantes e universidades que buscam se aprofundar.

— É um trabalho de formiguinha — diz Gustavo. — Quanto mais houver atenção a essa causa, mais fácil será com-

bater o preconceito, a xenofobia, conhecer a dor do outro.

Foi se reconhecendo no outro que a advogada Jeanne Magliano, de 55 anos, começou o voluntariado na Casa Dom Luciano/Fundação Fé e Alegria, que atende venezuelanos. Começou dando aulas de português remotamente e hoje faz assessoria jurídica gratuita aos migrantes recém-chegados.

— Meus bisavós paternos também foram refugiados. Vieram da Itália, na Segunda Guerra, e cresci com essa ideia do que era vir fugido de uma guerra, no porão de um navio, sem falar o idioma, com a família dividida — conta.

ALÉM DOS UCRANIANOS

A fundadora e diretora da Estou Refugiado, Luciana Capobianco, estima um aumento de cerca de 30% nos últimos dois meses de empresas atrás de informações sobre como contratar refugiados.

— Na guerra da Síria, não havia tanta informação compartilhada. Agora certamente houve um aumento da sensibilização das pessoas para o tema — afirma ela. — Há mais empresas querendo saber como contratar refugiados, e muitas nos perguntam: "E os ucranianos, já estão aqui?"

Estão, mas ainda são poucos, segundo dados do Ministério da Justiça e do Ministério das Relações Exteriores. Entre 3 e 31 de março, o Brasil concedeu 74 vistos humanitários a ucr-

nianos e 62 autorizações de residência, sendo 27 por acolhida humanitária.

Mas esse universo é muito mais amplo no país e engloba mais de 57 mil pessoas refugiadas reconhecidas, além de milhares de outras solicitantes. Venezuelanos são a maioria (46.412) entre os refugiados reconhecidos até 2020, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), seguidos dos sírios (3.594) e congolezes (1.050).

De uma leva mais recente, afegãos que fugiram da retomada do Talibã, no ano passado, também começam a chegar e podem se beneficiar do maior foco nos temas de refúgio. Entre eles está a professora e fotógrafa Mahboba Rezayi, de 27 anos. Com a retomada

do Talibã no Afeganistão, ela perdeu o emprego e viu seu país mudar radicalmente. Em novembro, ela deixou Herat, no Oeste, com o marido e outros três afegãos.

EMPATIA SELETIVA

O grupo chegou ao Brasil por meio de uma campanha internacional que envolveu a Estou Refugiado. Mahboba começou a estagiar na ONG há duas semanas, e espera que o maior interesse no tema se reflita também em mais oportunidades de trabalho na sua área.

— É o mais difícil desde que cheguei. As pessoas são amistosas, é uma das razões pelas quais gosto do Brasil, mas trabalho é fundamental — diz.

Para Laura Lopes, coordenadora no Adus, Instituto de Reintegração dos Refugiados, o interesse pelo tema só tende a crescer no país.

— Não é algo pontual. Há muitos temas em evidência que causam a migração e despertam o interesse das pessoas — afirma ela.

Mas há um lado negativo que se revela junto à evidência e engajamento recentes.

— Por vezes se manifesta a empatia seletiva — conta. — Já atendemos empresas que queriam contratar por nacionalidade, e dissemos que não fazemos esse tipo de encaminhamento. Entre ucranianos, afegãos, africanos ou venezuelanos, o que há são pessoas extremamente qualificadas.



“É uma causa que permite trabalhar com uma abrangência de temas”

Mariana Balazs Zaiantchik, advogada e voluntária

“Há mais empresas querendo saber como contratar refugiados”

Luciana Capobianco, fundadora e diretora da Estou Refugiado

Ataque de mísseis mata cinco pessoas em Odessa

Ucrânia responsabiliza a Rússia pelas vítimas, entre elas um bebê de três meses; Zelensky se reúne hoje com Blinken em Kiev

KIEV

Um ataque de mísseis na cidade portuária de Odessa, no Sudoeste da Ucrânia, deixou cinco mortos ontem — incluindo um bebê de três meses —, segundo informou Andriy Yermak, chefe de gabinete do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. Outras 18 pessoas ficaram feridas.

Mais cedo, o comando aéreo

do sul da Ucrânia havia dito que dois mísseis atingiram uma instalação militar e dois edifícios residenciais em Odessa. Em guerra com a Ucrânia desde 24 de fevereiro, a Rússia disse que suas forças mataram ontem até 200 soldados ucranianos e destruíram mais de 30 veículos, alguns deles blindados, mas sem mencionar as mortes relatadas em Odessa. Em relação ao ataque na cidade,

o Ministério da Defesa russo afirmou que usou mísseis de alta precisão para destruir um terminal logístico em Odessa, onde, segundo a pasta, um grande número de armas fornecidas pelos Estados Unidos e países europeus estavam sendo armazenados.

O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, responsabilizou a Rússia. "O único objetivo dos

ataques com mísseis russos em Odessa é o terror. A Rússia deve ser designada como um Estado patrocinador do terrorismo e tratada em conformidade. Precisamos de um muro entre a civilização e os bárbaros", escreveu Kuleba.

MISSÃO AMERICANA

O secretário de Estado Antony Blinken e o ministro da Defesa dos EUA, Lloyd Austin, se reu-

nirão hoje com Zelensky, em Kiev, confirmou o presidente ucraniano em coletiva. Na mesma entrevista, o chefe de Estado voltou a pedir uma reunião com Vladimir Putin.

— Quem começou a guerra poderá pôr fim nela — disse o presidente ucraniano.

O governador da região de Kharkiv, Oleg Syneubov, afirmou ontem que foram reconquistadas

três localidades próximas da cidade de Kharkiv, a segunda maior do país. "Nossas tropas desalojaram tropas russas de Bezruki, Slatine e Prudyanka", informou Syneubov no Telegram.

De acordo com o porta-voz do Ministério ucraniano da Defesa, Kharkiv continua "parcialmente bloqueada" pelas forças russas. Já na região de Luhansk, no Donbass — onde a Rússia disse estar concentrando seus esforços —, um ataque de artilharia matou dois civis na cidade de Zolote, segundo o governador Serhiy Haidai.